

# JEAN-BAPTISTE WILLERMOZ E O TRATADO DAS DUAS NATUREZAS: HOMEM-DEUS

## Jean-Baptiste Willermoz and the Treatise on the Two Natures: Man-God

*Vítor Rosa* \*

### **Resumo:**

Jean-Baptiste Willermoz (1730-1824) é um dos personagens mais interessantes do esoterismo do século das Luzes. Maçom, Rosa-Cruz, Martinista e adepto do magnetismo, ele participa de perto na vida dos grandes movimentos iniciáticos da sua época. Filho de um comerciante, Willermoz foi um grande negociante de sedas em Lyon. Em 1938, no seu livro, Alice Joly apresenta uma biografia muito completa deste personagem. Neste artigo, pretendemos compreender a sua vida e obra, evocando o seu percurso iniciático, assim como o seu Tratado das Duas Naturezas, Homem-Deus.

135

---

**Palavras-chave:** Esoterismo, Tratado das Duas Naturezas, Homem-Deus.

### **Abstract:**

Jean-Baptiste Willermoz (1730-1824) is one of the most interesting characters in the esotericism of the Enlightenment. Freemason, Rose-Croix, Martinist and adept at magnetism, he participates closely in the life of the great initiatic movements of his time. The son of a merchant, Willermoz was a great silk dealer in Lyon. In 1938, in her book, Alice Joly presents a very complete biography of this character. In this article, he intends to understand his life and work, evoking his initiatic journey, as well as his Treatise on the Two Natures, Man-God.

**Keywords:** Esoteric, Treatise on the Two Natures, Man-God.

\* Investigador Associado do Centro de Investigação em Cosm visões e Mundividências Espirituais e Religiosas (CICMER).

## Introdução

No dia 10 de julho de 1730, em Lyon, nasceu Jean-Baptiste Willermoz. Batizado em 11 julho de 1730, na paróquia Saint-Nizier, o jovem Jean-Baptiste desenvolveu um sentido apurado para os negócios, depois de ter seguido doze anos de estudos no colégio da *Trinité*, gerido por jesuítas, onde adquire uma bela escrita, perfeitamente delineada, e um domínio do latim. Exercerá a profissão do seu pai (Claude-Catherin Willermoz, 1701-1770) e tornou-se fabricante e comerciante de tecidos de seda, assim como comissário de sedas. A sua família é muito católica, um pouco austera, e a assiduidade aos ofícios religiosos são escrupulosos, até porque o seu tio, Léonard Willermoz, é padre na Igreja Saint-Nizier, situada no coração comercial da cidade.

É no meio de uma burguesia lionesa, banhada numa atmosfera misturada de labor e de devoção, que os dons de Willermoz se vão manifestar. Ele é empreendedor, dotado de um raro talento de organizador e tem uma efetiva dedicação ao trabalho.

Com o sucesso da sua atividade comercial, instala-se por conta própria em 1754. Isso permite-lhe criar laços de amizade em diferentes meios sociais e cultivados da capital Gaulesa. Um outro meio, fechado e reservado, que vai ter um papel fundamental na sua vida, é a Maçonaria, sociedade em voga na época e que atrai nos salões do reino uma multidão de curiosos.

Terá sido iniciado numa Loja maçónica em 1750, que se crê ser a *Amis Choisis*, mas o nome é desconhecido segundo o próprio testemunho de Willermoz<sup>1</sup>. Apaixona-se pelas atividades deste cenáculo, ao ponto de ser nomeado, dois anos mais tarde, Venerável Mestre. Tinha 22 anos.

Desde essa data, Willermoz convence-se de que o cristianismo é portador de uma autêntica iniciação e explica essa declaração numa carta endereçada a Charles de Hesse-Cassel (1744-1836), datada de 12 de outubro de 1781<sup>2</sup>: “eu

---

<sup>1</sup> Gustave Bord (1909) assinala a existência de três Lojas em Lyon, mas não diz quais e não refere as fontes.

<sup>2</sup> Esta carta encontra-se reproduzida em Jean-Marc Vivenza, *Jean-Baptiste Willermoz*, Editions Signatura, 2019, pp. 65-67.

fui persuadido, desde a minha entrada na Ordem [maçónica], que a Maçonaria escondia verdades raras e importantes, e esta opinião tornou-se a minha bússola”.

Este artigo tem por objetivo compreender a vida e a obra de Willermoz, a criação do Regime Escocês Retificado (RER), depositário da doutrina filosófica e espiritual de Martinès de Pasqually (1727-1774), e o Tratado das Duas Natureza (Homem-Deus). Iremos recorrer à bibliografia disponível e aos fundos documentais de Willermoz (1730-1824), adquiridos em 1934 e em 1956 pela Biblioteca Municipal de Lyon. Muitos manuscritos foram microfilmados e são prioritariamente consultados sob essa forma. A maior parte dos arquivos ainda não foi sujeita a digitalização e não estão acessíveis *on-line*.

### **Um surpreendente ativismo iniciático**

Depois de ter sido eleito Venerável Mestre da Loja, Willermoz funda em 1753 uma nova Loja Maçónica, *La Parfaite Amitié*, que se pode considerar como uma das mais antigas de Lyon. Em 1756, vai surgir outra Loja, *L'Amitié*, reconhecida pela Grande Loja em 1758. Tem por Venerável Mestre Jacques Grandon. Em 10 de março de 1760, e depois de algumas conversações, os dois homens vão constituir outra Loja, *Les Vrais Amis*, cujo Venerável Mestre será Jean Paganucci (1729-1797), magistrado e futuro membro do templo coên de Lyon.

Como refere Joly<sup>3</sup> (1986[1938], p. 5), Willermoz vai desenvolver “uma grande atividade na organização das Lojas na sua cidade”.

---

<sup>3</sup> Apesar de, por vezes, ser um pouco sarcástica relativamente ao seu objeto de estudo, o trabalho de Alice Joly continua a ser a referência fundamental sobre a vida e a obra de Willermoz: Alice Joly, *Un mystique lyonnais et les secrets de la franc-maçonnerie*, Mâcon, Protat, 1938.



Figura 1: Assembleia de Maçons no século XVIII,

Fonte: Biblioteca Municipal de Lyon.

Para controlar e regular as atividades das oficinas, os mestres da *La Parfaite Amitié*, *L'Amitié* e *Les Vrais Amis*, criam em 1760 uma estrutura federativa, ou mais exatamente, um Comité de Lojas de Lyon, que terá o título de “Grande Loge des Maîtres Réguliers”. Willermoz será designado o Grão-mestre a partir de 1761 e depois a função de *Garde des sceaux et d'archiviste* a partir de 1763. Estas funções irão permitir-lhe ter acesso a importantes documentos e aprofundar conhecimentos sobre os graus maçónicos praticados nesta época.



Figura 2: Diploma de Mestre de Willermoz, 1774

Fonte: Biblioteca Municipal de Lyon, ms 5527.

## Hermetismo e lenda templária

No momento do seu percurso maçónico, a Maçonaria incorpora um conjunto de elementos dispersos: cabala, alquimia, simbolismo, lendas cavaleirescas, entre outros. Willermoz vai se interessar pelos graus herméticos, em particular os de “Cavaleiro do Sol”, dos “Adeptos” da “Águia”, do “Pelicano”, de “Santo André” ou “Maçon de Heredon”, ou seja, os ditos altos graus (Joly, 1986[1938]). Fascina-se também pelo grau de Grande Inspetor Eleito, mais conhecido por Cavaleiro Kadosch (Bédarride, 2015), que apresenta influências das teses dos Irmãos alemães da Rosa-Cruz (Vaillaud, 1929). No seu ritual existe uma ligação entre a lenda do Templo e a procura da Pedra Filosofal.

Em 1765, vai constituir um Capítulo<sup>4</sup> dos “Cavaleiros da Águia Negra Rosa-Cruz”<sup>5</sup> (Meinsohn, 2020).

De 1761 a 1765, Willermoz procura orientar-se não pela obtenção de títulos e graus honoríficos, mas pela pesquisa do que lhe parece ser a essência da “verdadeira maçonaria”, o seu objetivo escondido e autêntico. Em 1772, numa outra carta endereçada ao barão Karl von Hund (1722-1776), manifesta que “depois da minha primeira admissão na Ordem, eu fui sempre persuadido que ela continha conhecimentos capazes de satisfazer o homem honesto. Depois dessa ideia, eu trabalhei sempre a descobri-los”.

### **A influência de Martinès de Pasqually e os Eleitos Coëns**

Na primavera de 1767, Willermoz desloca-se a Paris para tratar dos seus negócios profanos e visitar algumas Lojas maçónicas para constatar a natureza dos seus trabalhos. É uma forma de se inteirar das novidades que não surgem na província. É nesta altura que Jean-Jacques Bacon de la Chevalerie (1731-1821)<sup>6</sup>, militar, o informou, de forma elogiosa, de uma Ordem secreta que tinha acabado de instalar em Versailles a sua instância dirigente, designada “Tribunal Soberano”. Esta Ordem, na perspectiva de Chevalerie, “respondia a tudo aquilo que poderia desejar um Maçom sério” (Joly, 1986 [1938], p. 18). Os seus trabalhos e cerimónias eram considerados(as) superiores, quando comparados(as) com outros(as) da época. O chefe desta Ordem era Martinès de Pasqually<sup>7</sup>, um enigmático teúrgico, detentor de uma alta ciência em matéria iniciática (Franck, 1862; Papus, 1899, 1988; Rijnberk, 1938; Baader, 1990;

---

<sup>4</sup> Capítulo: Lojas maçónicas que praticam os altos graus.

<sup>5</sup> Biblioteca Municipal de Lyon, ms 453, f.º 97 vº, de 10 de dezembro de 1763.

<sup>6</sup> Cf. Dominique Clairembault, *Jean-Jacques Duroy d'Hauterive (1741-1800) Itinéraire d'un élu coën en résistance*, Bulletin de la Société Martinès de Pasqually, 30, 2020, p. 6-21. Com base na correspondência (80 cartas) enviada a Mathias Du Bourg (1746-1794), foi possível fazer a sua biografia e ter uma ideia do seu itinerário. O espólio (*Fonds Du Bourg*) encontra-se conservado no Arquivo Municipal de Toulouse (“sous-série 5 S”) e nos Arquivos Departamentais da Haute-Garonne (“sous-série 63”). Mathias Du Bourg foi guilhotinado a 14 de junho de 1794, em Paris. Tal como Pierre Fournié, Hauterive faleceu em Londres.

<sup>7</sup> O seu nome é ainda um mistério. No registo de batismo do seu segundo filho é denominado “Jacques Delivon Joacin de Latour de la Case, don Martinets de Pasqually”. Martinès de Pasqually deverá ter sido para ele um pseudónimo, até porque o seu filho não terá esse nome (Dachez & Pétilot, 2010; Nahon, 2011).

Nahon, 2011; Amadou, 2016). Conferia “ordenações” aos candidatos que se apresentavam à porta do seu Templo, que tinha o estranho nome “Ordre des Chevaliers Maçons Élus Coëns<sup>8</sup> de l’Univers” (Nahon, 2011; Caillet, 1993, 2003, 2009, 2011, 2019, 2020a, 2020b). Era composta por sete graus: aprendiz, companheiro, mestre simbólico, mestre eleito, aprendiz coën, companheiro coën, mestre coën, grande arquiteto, cavaleiro do oriente, comendador do oriente, réau-croix. Todos elaborados e transmitidos por Martinès de Pasqually (Caillet, 2011). A Ordem pretendia ser uma “escola” de preces e de virtude, pelo que as grandes operações teúrgicas começavam pela litania dos santos e pelos sete salmos penitenciais. Louis-Claude de Saint-Martin referia que “os trabalhos que nós seguimos não têm outro objetivo. As nossas sete classes, ou os nossos sete graus, devem abrir em nós os sete selos, ou as sete portas da inteligência”. E “cada uma das classes da Ordem oferece uma imagem desta expiação” (Amadou, 2017, p. 349). “O eleito coën é um homem da Bíblia: Antigo e Novo Testamento” (Caillet, 2011, p. 12)<sup>9</sup>.

Dubitativo, decidiu aceitar o convite e foi iniciado no seu seio. Para seu espanto, foi o próprio Grande Soberano, Martinès, que o recebeu (Vivenza, 2012). Guardou uma lembrança muito positiva desse encontro, tal como viria a relatar numa carta escrita ao barão de Turkheim (1752-1831), em 1821: “a operação terminada, eu quero agradecer-lhe pelo que fez por mim e estava emocionado”. “Sou eu, me diz ele, que lhe devo muito, mais do que você pensa. Você foi para mim a ocasião da felicidade que eu sinto (...). Eu lha devo, porque

---

<sup>8</sup> Na Ordem também se escrevia “cohen(s)” e “coen” sem o trema. Utilizamos aqui a transcrição mais frequente: coëns. Coën, em hebraico, significa sacerdote. Segundo Georges Courts, *Catéchisme des Élus Cohen selon le Chevalier Molinier. Bulletin de la Société Martinès de Pasqually*, 29, 2019, p. 21, o significado de coën como sendo sacerdote judeu, e que continua a ser propagado nos meios martinistas, é errada. Na página 181, das *Leçons de Lyon aux Élus Coëns*, relativamente às instruções de Willermoz em 1775, a palavra coën é definida como “a incorporação do ser espiritual, ou a sua junção com o princípio corporal da sua forma”. Na página 183, a palavra coën é definida como “adepto da sabedoria”.

<sup>9</sup> A Ordem de Martinès admitia mulheres no seu seio. Foram recebidas em pequeno número e deveriam ser, segundo o discípulo e secretário de Martinès, Saint-Martin, escrupulosamente examinadas (Nahon, 2011; Caillet, 2011).

você é a causa e a ocasião. Eu estava triste; agora estou feliz, pense em mim, que eu nunca vos esquecerei”<sup>10</sup>.

Esta relação privilegiada entre Martinès e Willermoz, desde 1767, vai ser importante na sua obra. Willermoz vai encontrar na Ordem do Eleitos Coëns uma transmissão iniciática diferente, um ensinamento autêntico e original, uma doutrina, explicada por assuntos complexos e difíceis sobre a origem da criação do mundo, a condição temporal e as leis às quais obedece, assim com o destino último do homem. O interesse por esta doutrina nunca mais abandonou Willermoz. Viria a preservar e a transmitir essa doutrina, de forma que pudesse perdurar e sobreviver à ação corrosiva dos séculos.

Em maio de 1768, Martinès aceitou que Willermoz fosse recebido no último grau da sua Ordem, *Réau-Croix*<sup>11</sup>, pelo seu substituto Bacon de Chevalerie. Não podendo se deslocar a Paris, o Grande Soberano, Martinès, transmitiu-lhe por carta as orientações a seguir. Esta carta foi publicada na obra de Gustave Bord (1852-1934)<sup>12</sup>. A original ainda não foi encontrada. Willermoz foi ordenado de 11 a 13 de maio de 1768.

*Em Bordéus, 2 de maio de 1768*

Eu respondo T.H.T.R.M. [Sublime e Respeitável Mestre] tão prontamente que eu posso ao pedido que você me faz relativamente ao grau de *Réaux-croix*, que você quer dar ao nosso T.H.T.R.M. Willermoz. Eu nunca me recusarei para que este R.M. [Respeitável Mestre] seja recompensado a todos os níveis e com a mesma satisfação, pois não há pessoa que mereça mais. Permita-me P.M. [Perfeito Mestre] de satisfazer algumas observações secretas da nossa lei abstrata a este respeito. Você não deve ignorar nada da nossa qualidade de homens, imagem e semelhança divina, que são as coisas que estão realmente em nosso poder e que os diferentes

---

<sup>10</sup> Carta de Jean-Baptiste Willermoz a Turkheim, 12 a 18 de agosto de 1821, Biblioteca Municipal de Lyon, ms 5425.

<sup>11</sup> Existem várias interpretações para o termo “réau”. Por serem as mais plausíveis, retemos aqui duas: uma primeira interpretação é que este termo associa a carta-patente real que detém Martinès. A segunda interpretação, que não anula a primeira, está mais de acordo com o enigmático personagem, retomando a ideia central do seu Tratado: Adão, antes da sua Queda (que a igreja vai chamar de “pecado original”)<sup>11</sup>, era o único rei ou homem-Deus. O trabalho proposto na Ordem é a de “reintegração dos seres criados nas suas primitivas propriedades, virtudes e forças espirituais divinas”, como especifica o título do Tratado de Martinès.

<sup>12</sup> *La franc-maçonnerie en France des origines à 1815*, Genève-Paris, Slatkine, 1985 (reimpressão da edição de Paris, 1909), p. 227-230.

atos cerimoniais das nossas operações, que são ao número de quatro, e que nos é dada uma só potência de cada, que fazem quatro forças que se completam com as quatro cerimónias, o número infinito de oito. Todas estas coisas nos são dadas com a precisão das horas, dos dias, de semanas, de meses, de luas e de anos. E que seguindo este meio, seguindo escrupulosamente o que nos é prescrito por Deus, nós ousamos esperar o sucesso mais que considerável pelos nossos trabalhos quando deles sairmos. Você sabe que eu sempre disse que não está em meu poder satisfazer inteiramente o homem a este respeito e que só a Deus pertence esta sublime operação. A todas estas coisas, T.P.M. [Muito Perfeito Mestre], como podemos prometer algum sucesso a favor do candidato que você pretende admitir a uma operação fora do seu tempo, um fruto prematuro fora de estação; uma operação de princípio feita fora do seu tempo fica sem fruto. Você me responde a tudo isto como fazer? Eu prometi-vos. Eu direi a isto paciência, você prometeu mal, este tipo de coisas estará em vosso poder? Indiferentemente a isto não se pode, de alguma forma, se não seguirmos escrupulosamente o que nos é prescrito. A precisão da cerimónia não é por ela suficiente, é preciso ainda uma exatidão e uma santidade de viver do dignitário que leva aos círculos de adoção do intelecto, ele precisa de uma preparação espiritual feita pela prece, pelo recolhimento e a moral, você sabe como eu me comportei em Paris a este respeito. No entanto, eu farei os meus esforços na sua operação, para recompensar o zelo e os laboriosos trabalhos de R.M. [Respeitável Mestre] Willermoz, que eu creio digno do sucesso que eu lhe desejo nesta operação, ele não dependerá de mim para que fique satisfeito. Que ele vos lembre que é o último e o primeiro. Você fará para esta cerimónia os mesmos círculos que eu fiz para a receção do T.P.M. [Muito Perfeito Mestre] de Luzignem, você atacará a oeste diretamente, este tempo é passado. Você fará todas as mesmas cerimónias, tanto em preces como em perfumes; você só oferecerá ao holocausto de experiência a cabeça de um corço macho, que você comprará indiferentemente no mercado, mas a cabeça deverá ser com a pele veluda. Você prepara-a como se prepara um corço antes de lhe cortar o pescoço. Depois você colocará três novos lumes. No do norte você colocará a cabeça sem a língua e o cérebro, mas com os olhos. No do centro você coloca o cérebro. No do oeste você colocará a língua. Quando tudo arder, o candidato deita três grãos de sal grosso em cada fogo. Depois passará as mãos três vezes em cada chama de cada lume em sinal de purificação. Coloca o joelho direito no chão e o outro fica de pé e dirá a palavra inefável que você encontrará marcada no escrito anexo, assim como o número de caracteres e hieróglifos que serão traçados diante de cada fogo, que são marcados. Se não podemos ter uma cabeça de corço, utilizamos uma cabeça de cordeiro coberto da sua pele. É preciso absolutamente que a pele seja negra, se não o holocausto seria de ação de graças e não de expiação. O candidato fará a cerimónia com a cabeça de cordeiro ou de corço antes de toda outra cerimónia. Os círculos ou locais onde se faz a operação, serão inteiramente preparados, como já fizemos.

Você terá água como convém, você começará a sua operação pelo onze do corrente mês e seguirá o 12 e terminará o 13 para que você encontre os dias relativos ao fim da estação. Pelo número de dias que eu vos fixo, você observará o número de confusão 1 1 . O número terrestre e corporal por 1 2 e 1 3 potência. Depois você poderá

2

3 4

começar pelas invocações normais e conjurações, entre as quais você juntará aquela do Comendador do Oriente. Depois dos três dias de operações feitas, você juntará delicadamente as cinzas dos três lumes, que você juntará aquela que eu já vos dei. Você dará ao candidato um escapulário parecido ao dos outros *Réaux-croix*. Você lhe fará um talismã igual aos outros, que juntará de igual modo aos dois P.M.R.-*Croix* [Perfeitos Mestres *Réaux-Croix*], e um e outro farão cada dia uma operação e você fará a última, e tanto faz quem dos dois começa. Você fará dizer ao candidato a prece que está no seguimento das palavras em que ele terá passado as mãos abertas sobre o lume do holocausto, você terá necessidade de dois recipientes um pouco grandes para fazer consumir a língua e o cérebro e aquele que ficará sobre a chaminé da Câmara figurará ao norte, os outros dois recipientes figurarão ao centro e a oeste, conforme o uso antigo, onde nós colocamos as caixas para fazer os holocaustos no campo. Eis T.P.M. [Sublime Mestre] tudo o que posso fazer do zelo de R.M. [Respeitável Mestre] Willermoz, Deus faça que ele o compreenda e que ele retire desta operação toda a vantagem e o sucesso que ele merece. Eu abandono com prazer os meus próprios negócios para sua satisfação, não contando muito sobre a propagação da ordem pela demora que eu a vejo. Eu vos peço de assegurar ao R.P.M. [Respeitável e Perfeito Mestre] Willermoz do meu sincero respeito.

Não se esqueça de prevenir todos os R.R.M.M [Respeitáveis Mestres] *Réaux-Croix* da operação que você irá fazer extraordinariamente. Não importa que eles sejam ou não advertidos quinze dias antes como convém. Se você não agir como eu vos disse, os *Réaux-Croix* poderão recusar o reconhecimento do *Réau-Croix* que você fez e de me apresentarem queixas para que ele não seja inscrito nas minhas circunferências secretas, assim como no meu repertório universal. Peça para escrever a um dos R.P.M. [Respeitáveis e Perfeitos Mestres] *Réau-Croix* aos T.P.M. [Sublime e Perfeito Mestre] de Grainville, ao T.P.M. [Sublime e Perfeito Mestre] de Luzignem para evitar todo o tipo de discussões.

Você não esquecerá de fazer beber um cálice na cerimônia depois da recepção e dará o pão místico ou comentício a comer ao nosso *Réaux-croix*, recentemente recebido, na mesma cerimônia que você me viu fazer.

Pela incompetência do substituto (La Chevalerie), a ordenação viria a ser consagrada na noite do 22 para o 23 de março de 1770, segundo um rito “simpático” de Bordéus a Lyon (Amadou, 2016, p. 99).

O homem é um “animal simbólico”. Nesta perspectiva, a iniciação é uma cerimónia performativa. Ela incita à ação e a uma forma de viver. Significante pelos símbolos que emprega, faz sentido. Ela federaliza os iniciados em torno de mitos, reenviando a valores comuns. De uma forma geral, o ritual é um ato, ou uma sucessão de atos, aos quais se reconhece um sentido afetivo, filosófico e espiritual.

### As lições de Lyon

Tudo poderia prosseguir no clima ideal da Ordem dos Eleitos Coëns se a 5 de maio de 1772, Martinès de Pasqually, não tivesse que deixar Bordéus para São-Domingos (atual Haiti), onde falecerá em setembro de 1774, para reclamar uma herança familiar, embarcando num navio (*Duc de Duras*). Antes de embarcar, Martinès assina um certificado de catolicismo, redigido desta forma: “Eu atesto que M. Jacques Pasqually de Latour, noviço nativo de Grenoble, com a idade de 45 anos, de estatura média, cabelos pretos, uso de peruca, professa a religião católica apostólica romana, o qual deseja embarcar no navio Duc de Duras, Capitão [Pierre] Duguats, para ir a São-Domingos. Bordéus, 29 de abril de 1772. Assinado: Despasqually Delatour”<sup>13</sup>.

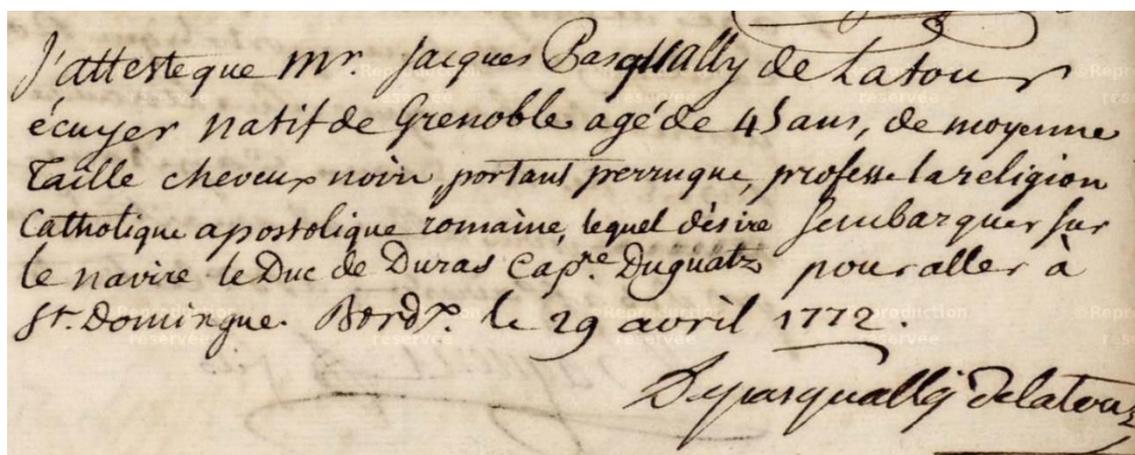


Figura 3: Registo de catolicidade e registo de passageiro (29/04/1772) para São-Domingos, Martinès

O secretário de Martinès, Louis-Claude de Saint-Martin (1743-1803), que estava sozinho em Bordéus, decidiu aceitar o convite de Willermoz, no mês de

<sup>13</sup> Cf. Certificado de Catolicidade, Amirauté de Guyenne, Registo de passageiros, 6 B 54, folha 65, Arquivos Departamentais da Gironda.

agosto de 1773, para se deslocar até Lyon (Gence, 1824; Amadou, 1946, 1961; Rosa, 2021). Chegou à cidade em setembro do mesmo ano. E ficará até abril de 1776, vivendo na casa do seu convidado e da sua irmã (Claudine-Thérèse Provensal, 1729-1810)<sup>14</sup>, partilhando o seu quotidiano<sup>15</sup>.

Durante a sua estada, elaborou um programa de instrução para os Eleitos Coëns de Lyon, organizando com Willermoz e Jean-Jacques du Roy d'Hauterive (1741-1800), uma série de lições ditas de Lyon, destinadas ao estudo e aprofundamento dos ensinamentos de Martinès de Pasqually, conforme a doutrina da reintegração, com a iniciação cristã. A primeira será dada em 7 de janeiro de 1774 (Amadou, 2017; Clairembault, 2020).

### **Dos Eleitos Coëns e a Estrita Observância (dita Templária)**

Durante o período de estudo doutrinal em Lyon, e de situação incerta com a morte de Martinès de Pasqually, Willermoz vai escrever ao barão de Hund, em 18 de dezembro de 1772, onde expõe o seu itinerário maçónico, e pede a sua ligação formal à Estrita Observância Templária. Não suportava o caráter desorganizado e confuso da Maçonaria francesa e procurava um sistema estruturado e sólido. Hund aceitaria o seu pedido e envia um representante, o barão von Weiler, com o objetivo de instalar em setembro de 1773, em Estrasburgo, o Diretório da V Província, dita de Bourgogne, depois em Lyon, a II Província dita de Auvergne, em julho de 1774. Willermoz vai ser recebido Cavaleiro, com o nome de *Eques Baptista ab Eremo* (Cavaleiro Baptista do Deserto) (Dachez & Pétilot, 2010; Vivenza, 2012).

### **O Regime Escocês Retificado (RER)**

Willermoz ficou entusiasmado com o sistema alemão, pela ciência e pelo grande conhecimento iniciático. Esta Ordem estava bem organizada, querendo recuperar a filiação da Ordem do Templo<sup>16</sup>, mas faltava-lhe o sistema doutrinal. Neste sentido, foi tomada a decisão em 1778 de se realizar um Congresso Geral

<sup>14</sup> Uma imagem sua encontra-se reproduzida em Joly (1938, p. 99).

<sup>15</sup> De sublinhar que é na casa de Willermoz que Saint-Martin redige o seu livro *Des Erreurs et de la Vérité*.

<sup>16</sup> Foi extinta em 1312 pelas ordens do rei de França Filipe, o Belo (1268-1314), e pelo Papa Clemente V (1264-1314).

da Ordem, tendo por missão tomar uma posição forte sobre os pontos problemáticos e as interpretações dos vários membros.

As decisões vão ser tomadas no *Convent des Gaules* sobre a origem do rito, mais exatamente do RER, transformando a Estrita Observância. Renunciando à filiação templária, a sua sucessão e a restauração material, os membros vão rejeitar a utilização antiga do nome “Estrita Observância” e propuseram o nome “Ordre des Chevaliers Bienfaisant de la Cité Sainte” (Vergnolle, 2021). Vários documentos importantes vão ser aprovados: o Código Maçónico das Lojas Reunidas e Retificadas de França e o Código Geral dos Regulamentos da Ordem dos Cavaleiros Benfeitores da Cidade Santa.

A ideia mais importante de Willermoz foi a de integrar a doutrina da Reintegração, guardiã e herdeira do tesouro espiritual de Martinès de Pasqually.

Um segundo *Convent*, que terá lugar em *Wilhelmsbad*, vai realizar-se em 1782, reiterando e aperfeiçoamento o sistema.

O RER não é uma religião de substituição. Ele é inapto a formular um credo imperativo, mas o seu ambiente histórico e doutrinal delimita, na perspectiva de Dachez & Pétillet (2010) uma “espiritualidade retificada” (pp. 123-124).

### **Tratado das Duas Naturezas: Homem-Deus**

O *Traité des deux natures* encontra-se no meio dos diversos papéis de Willermoz reunidos em 1818 (Fundo documental de Willermoz, Biblioteca Municipal de Lyon, ms 5940). Foi considerado como participante nas instruções coëns. É um tratado que procura apresentar a união misteriosa das duas naturezas (humana e divina) de Jesus Cristo. Willermoz propõe uma leitura esotérica e mítica da natureza e da missão do segundo Adão, Jesus Cristo. Revela que Cristo não morreu na Cruz, e que nesta última prova, é Jesus que sofre, dado que Cristo, pela sua natureza divina, não poderia sofrer e morrer.

O dogma das duas naturezas de Cristo é uma fórmula central da doutrina e da devoção cristã. Não é apenas uma forma de pensar da nossa época que torna o seu sentido obscuro. Os antigos já se encontravam na mesma situação (Hausse, 1952). Dizer que este dogma é baseado na “fé” não permite avançar. E quem diz fé, diz experiência não sensível e conhecimento interior.

A ideia mestre do dogma foi formulada várias vezes e assumiu a sua forma definitiva no Concílio de Calcedónia, realizado de 08 de outubro a 01 de novembro de 451 d.C. O ser do Cristo seria feito de duas “naturezas”, sem mistura, sem transformação, sem divisão e sem separação. A união não foi suprimida pela diferença das naturezas. Cada uma delas conservou a sua própria maneira de ser e encontrou-se na outra numa única pessoa.

Willermoz tenta dar uma resposta a uma questão que, desde as origens do cristianismo, foi fonte de numerosas discórdias. Para compreender a sua posição, é preciso lembrar o que foram os primeiros cristãos, os judaico-cristãos, e particularmente a comunidade reagrupada em torno do primeiro sacerdote de Jerusalém, Jacques, o “irmão do Senhor”. Jesus Cristo era olhado essencialmente como o *Verus Propheta*, o Verdadeiro Profeta, anunciado pelas Escrituras. Se estudarmos a história do cristianismo, e mais particularmente o que diz respeito à cristologia, constatamos que os primeiros cristãos não viam em Jesus Cristo Deus, incarnando-se neste mundo. Para eles, o mais importante era saber se Jesus era o Messias anunciado por Moisés.

Jean-Baptiste Willermoz retoma as teses de Martinès sobre a criação do mundo e do homem, expressas no *Traité sur la réintégration des êtres dans leur première propriété, vertu et puissances spirituelle divine*<sup>17</sup>. Lembra que o primeiro homem se mostrou infiel à sua missão. Nesse sentido, torna-se importante que um outro homem, um justo, repare a falta cometida por Adão, tão bem

---

<sup>17</sup> Este texto, que era reservado para alguns Eleitos Coëns, foi publicado, pela primeira vez, no final do século XIX. Ele releva uma espécie de história paralela sobre a Criação do mundo, assim como a Queda do homem. Revela também as condições necessárias para que o homem possa reconquistar a sua primeira dignidade. Martinès nunca indicou a proveniência dos seus conhecimentos e doutrina. Apenas afirmou que transmitia o que tinha recebido (Dachez & Pétillet, 2010).

representado neste medalhão de *Aetatibus Mundi Imagines*, da autoria de Francisco de Holanda (1517-1584), que também acreditava que há uma inspiração divina no ato de criação.

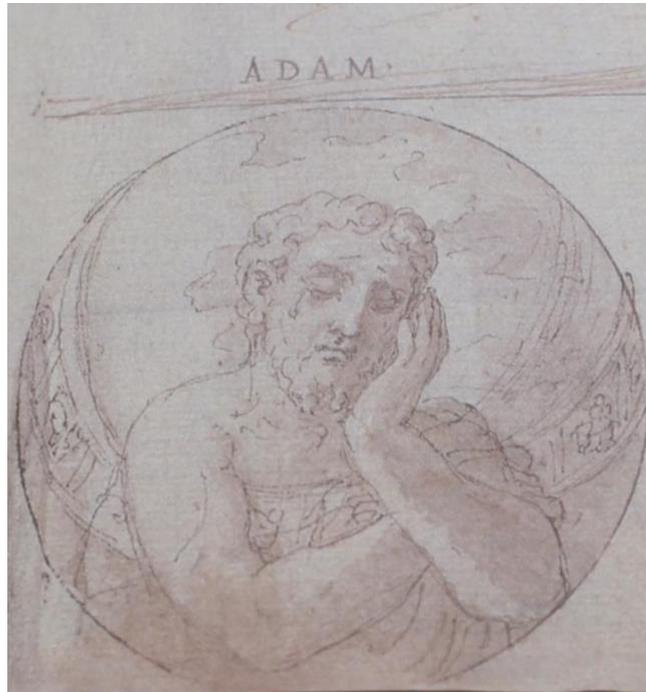


Figura 4: Adão Melancólico, Medalhão de *Aetatibus Mundi Imagines*, Francisco de Holanda

Deus envia um segundo Adão para realizar essa tarefa. Mas este novo Adão não está sozinho. Deus vai uni-lo com a Sabedoria e o Verbo. O novo Adão é Jesus Cristo. É um ser particular, é um homem-Deus. Insiste sobre o aspeto trinitário do homem: corpo, alma e espírito.

Willermoz não era um teólogo. E certamente desconhecia muitos destes elementos. Ele elabora a sua reflexão sobre a natureza de Jesus Cristo a partir de conhecimentos que ele recebeu pela sua educação cristã e pelos ensinamentos de Martinès de Pasqually. Ele não coloca em causa o credo de Niceia. Por outro lado, Jean-Baptiste Willermoz mostra que o símbolo da Cruz se inscreve na simbologia universal (Vivenza, 2012). Na perspetiva de Joly (1938, p. 96), “Jean-Baptiste tinha a ideia de que o verdadeiro culto tinha sido transmitido de geração em geração por alguns iniciados. Ele tenta fazer aproximações significativas do antigo culto e a cerimónia instituída por Cristo”.

Rijnberk (1980) vai mostrar-se muito severo com este Tratado, qualificando-o de vago, indeterminado, envolvido de palavras e de lugares comuns e sem qualquer conteúdo real. A revista francesa *Renaissance Traditionnelle* vai dedicar-lhe uma atenção especial em vários dos seus números (Dachez, 1986, 1987, 1989, 1991).

A iniciação cristã, prosseguida pelo RER, é uma escola que procura ser rigorosa na reedificação e da expiação espiritual, de forma que os seus membros, pelo exercício de virtudes que lhe são ensinadas, entrem na plenitude dos seus direitos primitivos. Nesse sentido, o dever moral do Homem consiste em imitar a bondade e benemerência de Deus, manifestadas na Criação, em relação a todas as suas criaturas.

### **A herança iniciática**

Willermoz vai continuar ainda por longos anos a aperfeiçoar o seu RER, pois só deixará esta terra em 29 de maio de 1824, com 94 anos. Ainda terá tempo de casar, quando tinha 66 anos, a 19 de abril de 1796, com uma jovem mulher de 24 anos, de nome Jeanne-Marie Pascal (1772-1808), órfã que a irmã de Willermoz (Provencal) acolheu quando ela tinha apenas 3 anos e que a considerava como filha. Terão 3 filhos, mas todos eles vão falecer prematuramente. Willermoz, em 1810, escreveu sobre o este assunto: “de todos as crianças que tive, só me resta um filho muito bem constituído, mas apenas com cinco anos e que está destinado pela Providência a tornar-se brevemente órfão. É o espinho que muitas vezes cansa o meu coração” (Willermoz *apud*. Dachez & Pétilot, 2010, p. 45). Este filho (Jean-Baptiste-François de Sales Claudius, 1805-1812) faleceu precocemente de doença infecciosa. A sua mulher viria a falecer com 36 anos, vítima das complicações da gravidez e parto.

O cortejo fúnebre de Willermoz é acompanhado por doze pessoas de idade, da Caridade, segurando archotes, e dezoito padres oficiam em Saint-Polycarpe. Ele é inumado no cemitério de Loyasse, em Lyon.

Escrupulosamente católico até ao fim dos seus dias, deixou instruções para que várias missas fossem celebradas por sua intenção, com datas fixas, durante três anos (Dachez & Pétilot, 2010).

Sobre o plano iniciático, deixa uma herança considerável, conservada pela História. Vivenza (2012, p. 129) sublinha que Willermoz foi um “incomparável mestre formador, um educador fora de série e, sem sombra de dúvida, um dos mais finos pedagogos do iluminismo cristão do século XVIII”. Ele passou sua vida a tentar desvendar os mistérios do Homem e do Universo, recorrendo ao misticismo e ao ocultismo.

## Conclusão

Podemos distinguir quatro grandes períodos na vida esotérica de Jean-Baptiste Willermoz. A primeira vai de 1750 a 1772. Com apenas 20 anos, ele é iniciado na Maçonaria em 1750. Ocupará rapidamente um lugar importante nesta sociedade de homens livres em Lyon. A partir de 1765, o seu percurso vai ter outro relevo, quando é admitido na Ordem dos Eleitos Coëns. Esta Ordem, fundada por Martinès de Pasqually por volta de 1754, apresenta-se como a “verdadeira Maçonaria”. Caracteriza-se por um sistema de altos graus ligados a uma teurgia e uma magia divina. Willermoz encontra o seu fundador e torna-se um zeloso discípulo. Se Willermoz se deixa seduzir pelo ensinamento de Martinès, fica um pouco dececionado com as capacidades de organização deste último. Durante quatro anos esforça-se em vão para obter do seu mestre os rituais e os catecismos<sup>18</sup> que lhe foram prometidos (Dachez & Pétilot, 2010). De facto, a Ordem dos Eleitos Coëns ainda estava em plena gestão e Martinès não tinha terminado de escrever os rituais e as instruções destinados(as) às Lojas. As coisas tomam outro rumo com a partida de Martinès. O dirigente da Ordem embarca em 05 de maio de 1772 com destino a São-Domingos para resolver um problema de herança. Vítima de uma febre, vai falecer em 20 de

---

<sup>18</sup> Instruções a conhecer de cor.

setembro de 1774. Privado do seu fundador, a Ordem vai entrar depois em adormecimento<sup>19</sup>.

É aqui que se abre uma segunda via esotérica de Willermoz. No período de 1773 a 1782, entra em contato com o barão von Hund da Estrita Observância Templária. Muitos Martinistas, isto é, discípulos de Martinès de Parqually e de Louis-Claude de Saint-Martin, vão segui-lo. Em julho de 1773, vários membros se juntam à Estrita Observância, que se reivindica templária, mas também ela está em mutação, dado que muitos membros contestam esta filiação. Willermoz, com a ajuda de outros coëns, vai se afirmar como reformador desta Ordem. A 25 de novembro de 1778, quando do *Convent des Gaulles* em Lyon, faz adotar uma reforma, tendo por base a doutrina de Pasqually. No entanto, não integra as práticas teúrgicas dos coëns. Depois em agosto de 1782, quando do *Convent de Wilhelmsbad*, a Estrita Observância torna-se a Ordem dos Cavaleiros Benfeitores da Cidade Santa.

Jean-Baptiste Willemoz parece ter conseguido, onde Martinès de Pasqually tinha fracassado, isto é, criar uma estrutura simbólica e ritual maçónica coerente, apoiada por uma doutrina específica. Muitos vão ver nesta ordem a joia da Maçonaria, que se quer cristã e espiritualista. Mas o esplendor desta Ordem será travado por um evento: o surgimento do magnetismo.

De 1783 a 1788, Willemoz se apaixona por esta ciência, marcando um novo período na sua vida. No final de 1783, o magnetismo começa a expandir-se em Lyon. As virtudes terapêuticas do fluido magnético, colocadas em evidência por Franz Anton Mesmer (1734-1815), vão entusiasma-lo. A partir de 1784 vai pertencer à sociedade de magnetismo, *La Concorde*, fundada em Lyon.

Um outro período da sua vida, a quarta, se abre. Ele deriva das dificuldades engendradas pela Revolução Francesa, em que Willermoz quase perdeu a sua vida. Esta última fase vai de 1796 a 1824, ou seja, até à sua morte.

---

<sup>19</sup> Expressão maçónica que significa que os membros da Loja deixaram de reunir por um tempo indeterminado.

É neste período que vai escrever o texto Tratado das Duas Naturezas. Em 1796, com 66 anos, coloca um fim na sua vida de solteiro e vai casar uma jovem mulher de 24 anos, Jean-Marie Pascal. Os filhos deste relacionamento vão todos morrer em idade precoce.

No *Traité des deux natures* Jean-Baptiste não utiliza o vocabulário próprio da Maçonaria. No entanto, as teorias dos Eleitos Coëns, bem que discretas, assumem bastante relevo. O tema deste Tratado é o mistério da união entre a natureza divina e humana de Jesus Cristo. Willermoz retoma as teses defendidas por Martinès sobre a origem dos primeiros anjos, do homem e da Criação. Ele vê em Adão um ser com a missão de trazer Amor e Misericórdia divina.

Este Tratado constitui uma reflexão interessante para todos aqueles que se interessam pelo esoterismo cristão.

## Bibliografia

- AMADOU, R. (1946). *Louis-Claude de Saint-Martin et le martinisme : introduction à l'étude de la vie, de l'ordre et de la doctrine du philosophe inconnu*. Éditions du Griffon d'Or.
- AMADOU, R. (1961). *Louis-Claude de Saint-Martin. Mon portrait historique et philosophique (1789-1803) publié par Robert Amadou*. Julliard.
- AMADOU, R. (2016). Robert Amadou, *Traité sur la réintégration des êtres dans leur première propriété, vertu et puissance spirituelle divine : Martinès de Pasqually, Première édition authentique d'après le manuscrit de Louis-Claude de Saint-Martin établie et présentée par Robert Amadou*. Diffusion Rosicrucienne.
- AMADOU, R. (2017). *Les Leçons de Lyon aux Élus Coëns*. Dervy.
- BAADER, F. (1900). *Les enseignements secrets de Martinès de Pasqually*. Paris.
- BÉDARRIDE, A. (2015). *Le livre d'instruction du Chevalier Kadosb*. Éditions Télètes.
- BORD, G. (1909). *La franc-maçonnerie en France des origines à 1815*, Genève-Paris, Slatkine, 1985 (reimpressão da edição de Paris, 1909).
- CAILLET, S. (2009). *Martinès de Pasqually, le théurge de Bordeaux*. Signatura.
- CAILLET, S. (1993). La filiation des élus coëns. *L'Esprit des Choses*, 6, 89-105.
- CAILLET, S. (2003). *La franc-maçonnerie égyptienne de Memphis-Misraïm*. Dervy.
- CAILLET, S. (2011). *Les sept sceaux des élus coëns*. Le Mercure Dauphinois.
- CAILLET, S. (2019). Il était une fois les élus coëns de désir. *Bulletin de la Société Martinès de Pasqually*, 29, 77-90.
- CAILLET, S. (2020a). Il était une fois les élus coëns de désir II : l'Ordre martiniste et les élus coëns (1950-1966). *Bulletin de la Société Martinès de Pasqually*, 30, 87-95.
- CAILLET, S. (2020b). Le W de élus coëns. *Bulletin de la Société Martinès de Pasqually*, 30, 96-113.
- CLAIREMBAULT, D. (2020). *Jean-Jacques Duroy d'Hauterive (1741-1800) : Itinéraire d'un élu coën en résistance*. *Bulletin de la Société Martinès de Pasqually*, 30, 6-21.
- COURTS, G. (2019). *Catéchisme des Élus Cohen selon le Chevalier Molinier*. *Bulletin de la Société Martinès de Pasqually*, 29, 19-34.

- DACHEZ, R. (1986). Notes et commentaires sur le Traité des deux Natures de Jean-Baptiste Willermoz (I). *Renaissance Traditionnelle*, 67, 235.
- DACHEZ, R. (1987). Notes et commentaires sur le Traité des deux Natures de Jean-Baptiste Willermoz (II). *Renaissance Traditionnelle*, 71, 209-215.
- DACHEZ, R. (1987). Notes et commentaires sur le Traité des deux Natures de Jean-Baptiste Willermoz (III). *Renaissance Traditionnelle*, 72, 300-302.
- DACHEZ, R. (1989). Notes et commentaires sur le Traité des deux Natures de Jean-Baptiste Willermoz (IV). *Renaissance Traditionnelle*, 78, 116-128.
- DACHEZ, R. (1991). Notes et commentaires sur le Traité des deux Natures de Jean-Baptiste Willermoz (V). *Renaissance Traditionnelle*, 85, 70.
- DACHEZ, R., & PÉTILLOT, J.-M. (2010). *Le Rite Écossais Rectifié*. PUF.
- FRANCK, A. (2010 [1862]). Adolfo Franck, *La philosophie mystique en France à la fin du XVIII siècle : Saint-Martin et son maître Martinez Pasqualis*. Éditions de la Tarente.
- GENCE, J.-B. (1824). *Notice biographique sur Louis-Claude de Saint-Martin ou Le Philosophe Inconnu*. Imprimerie de Migneret.
- GENDET, G. (2010). Une figure de Jésus en théosophie chrétienne à la fin du XVIIIème siècle : le Traité des deux Natures, de Jean-Baptiste Willermoz. *ARIES* 10,2, 233-269.
- HAUTER, C. (1952). Les deux Natures en Christ. *Revue d'histoire et de philosophie religieuses*, 32(3), 201- 211. <https://doi.org/10.3406/rhpr.1952.3311>
- JOLY, A. (1986[1938]). *Un mystique lyonnais et les secrets de la franc-maçonnerie – Jean Baptiste Willermoz (1730-1824)*. Demeter.
- NAHON, M. (2011). *Martinès de Pasqually: un énigmatique franc-maçon théurge du XVIII siècle, fondateur de L'Ordre des Élus Coëns*. Pascal Galodé.
- MEINSOHN, F. (2020). *Les Chevaliers de l'Aigle Noir Rose+Croix*. The Book Edition.
- PAPUS [Gérard Encausse] (1899). *Martinésisme, Willermosisme, Martinisme et Franco-Maçonnerie*. Chamuel Editeurs.
- PAPUS [Gérard Encausse] (1988). *Martinès de Pasqually, sa vie, ses pratiques magiques, son œuvre, ses disciples, suivi des catéchismes des élus coëns*. Déméter.
- RIJNBERK, G. (1938). *Un thaumaturge au XVIII siècle, Martinès de Pasqually*. Derain-Raclet.
- RIJNBERK, G. (1980). *Épisodes de la vie ésotérique : 1780-1824*. Éditions d'Aujourd'hui.
- ROSA, V. (2021). *Louis-Claude de Saint-Martin e o Martinismo: a vida, a ordem e a doutrina do Filósofo Desconhecido*. Edição de Autor
- VAILLAUD, P. (1929). *Les Roses-Croix Lyonnais au XVIII siècle*. Paris.
- VERGNOLLE, D. (2021). *L'épopée des Chevaliers Bienfaisants de la Cité Sainte et de leur Profession*. Les Éditions de la Tarente.
- VIVENZA, J.-M. (2012). *Jean-Baptiste Willermoz : fondateur du Régime Ecossais Rectifié : textes choisis et présentés par Jean-Marc Vivenza*. Editions Signatura.
- VIVENZA, J.-M. (2012). *Le martinisme : l'enseignement secret des Maîtres*. Le Mercure Dauphinois.
- WILLERMOZ, J.-B. (2012). *L'homme-Dieu : Traité des deux natures Jean-Baptiste Willermoz, suivi de le mystère de la Trinité selon Louis-Claude de Saint-Martin*. Diffusion Rosicrucienne.
- YOUTUBE :  
<https://www.youtube.com/watch?v=1tzjBn5aseU> (consultado em 20/04/2021).